

A Evolução Econômica e Política da China no Período Maoísta (1949-1978)¹

Autor: Miguel Henriques de Carvalho²

Resumo

O presente artigo é dedicado ao exame da evolução política e econômica da China durante o Período Maoísta (1949-1978), de sorte a realizar um balanço das transformações que ocorreram no país ao longo destas três décadas, tomando-se em conta os determinantes internos e externos deste processo. Além da introdução (seção 1), na qual é apresentado o recorte histórico, o artigo está dividido em outras três seções. A segunda seção 2 é destinada à reconstituição, em linhas gerais, do curso das mudanças econômicas e políticas da China ao longo do Período Maoísta, sendo destacadas as inflexões essenciais que se sucederam ao longo do período. Na seção 3, são examinadas as transformações estruturais que ocorreram na economia chinesa durante o Período Maoísta, sublinhando-se as limitações encontradas pela agricultura coletivizada. Por fim, na seção 4, são tecidas as considerações finais.

1) Introdução

Entre a derrota chinesa para os ingleses na Primeira Guerra do Ópio, em 1842, e o advento da Revolução Chinesa, em 1949, a China vivenciou, seguidamente, conflitos internos e externos de grandes proporções, que redundaram em elevadas perdas humanas e materiais e significativa instabilidade política no país. Segundo a tradição local, este intervalo é conhecido como o “Século da Humilhação”, período que representou o eclipse da milenar civilização chinesa frente ao poderio econômico e militar dos países industrializados, que inclusive dominaram, em diferentes momentos, porções significativas do território chinês. Nos últimos anos, a condição rival mais importante da China coube ao Japão, país que alcançou rápido desenvolvimento econômico recuperador dentro da Ásia, tornando-se a principal potência regional mais importante antes do final do século XIX.

Após mais de um século de conflitos e invasões, o triunfo dos comunistas em 1949, por ocasião da Revolução Chinesa, encerrou o governo republicano no país conduzido pelo Partido Nacionalista Chinês (Kuomintang) – que refugiou-se na ilha de Taiwan, dando continuidade a

¹ O presente trabalho é uma versão modificada do primeiro capítulo da dissertação de mestrado do autor intitulada *A Economia Política do Sistema Financeiro Chinês (1978-2008)*, defendida em Março de 2013 no Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional da UFRJ, sob a orientação do Professor Dr. Ernani Teixeira Torres Filho. O autor agradece a Eduardo Costa Pinto, Kaio Pimentel e Adalberto Oliveira Silva pelas proveitosas discussões acerca do tema deste artigo e ao CNPq pela bolsa concedida durante o período da pesquisa. Os erros e insuficiências remanescentes são de responsabilidade exclusiva do autor.

² Economista pela UNICAMP, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional da UFRJ, doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Economia da UFRJ e pesquisador do Grupo de Economia Política do Instituto de Economia da mesma instituição.

República da China.³ Por seu turno, no continente, tinha início a República Popular da China, que, sob o comando do Partido Comunista Chinês (PCC) liderado por Mao Tsé-tung, acenava a possibilidade de mudanças sociais profundas na China em favor de uma sociedade mais igualitária, bem como o enfrentamento dos desafios relacionados ao desenvolvimento de sua base material.

Ao analisarmos as estatísticas existentes para o ano de 1952, a primeira série de dados disponível para China após o advento do comunismo no país, o declínio econômico chinês é inequívoco durante o “Século da Humilhação” em contraposição aos países industrializados, incluindo a União Soviética. Neste ano, a China contava com uma população da ordem de meio bilhão de pessoas – dos quais 80% a 90% residiam no campo –, quase o mesmo tamanho da população somada da Europa e dos Estados Unidos (cerca de 400 milhões e 160 milhões de habitantes, respectivamente), três vezes maior do que a da União Soviética, e seis vezes maior do que a japonesa, segundo as estimativas de Maddison (2007, p. 44). Por seu turno, enquanto em 1820 a China respondia por 32,9% do PIB mundial, em 1952, esta participação caiu para 5,2%, ao passo que neste ano os Estados Unidos detinham 27,5%, a Europa, 29,3%, a União Soviética 9,2% e o Japão, 3,4%.⁴ Entre 1820 e 1952, há, inclusive, uma queda em termos absolutos da renda *per capita* chinesa em 12%, enquanto que no Japão, partindo de um nível próximo ao chinês em 1820, verificou-se um aumento de 250%.⁵ Estes números indicam o enfraquecimento da economia chinesa em relação aos países industrializados, especialmente tendo-se em vista a situação que a China desfrutava no começo do século XIX.

Após o advento da República Popular da China, os chineses ingressaram em um período de relativa estabilidade política em torno do PCC, preservando sua integridade territorial, a despeito das vicissitudes do novo regime. Durante o Período Maoísta (1949-1978), o PCC realizaria uma série de mudanças de largo alcance sobre as estruturas econômicas e sociais herdadas, sendo Mao Tsé-tung a principal liderança da China entre outubro de 1949 e o seu falecimento, em setembro de 1976. Na medida em que entre a morte de Mao e ascensão de Deng Xiaoping, em dezembro de 1978, o PCC, sob o comando de Hua Guofeng, manteve, essencialmente, as mesmas diretrizes do período anterior, optou-se por incluir este breve intervalo como parte do Período Maoísta. Ao longo destes anos, a tensão entre o desenvolvimento das forças produtivas e a formação de uma sociedade igualitária, edificada sobre novas relações de produção, ocupou o centro dos principais debates e ações do PCC, tal como será discutido.

³ A República da China teve início em 1911, após o êxito da Revolução Xinhai, que depôs o governo imperial e iniciou o governo republicano no país sob o domínio do Partido Nacionalista Chinês (Kuomintang). A respeito da história da China no período anterior a Revolução Chinesa de 1949, ver, por exemplo, FAIRBANK e GOLDMAN (2006) e SPENCE (1990).

⁴ MADDISON 2007, p. 44.

⁵ Ibidem. Medidos em dólares internacionais de 1990.

Além desta introdução, o presente trabalho está dividido em outras três seções. A seção 2 é dedicada à reconstituição, em linhas gerais, da evolução econômica e política da China ao longo do Período Maoísta, sendo destacadas as inflexões essenciais que se sucederam ao longo do período. Na seção 3, são examinadas as transformações estruturais que ocorreram na economia chinesa durante o Período Maoísta, sublinhando-se as limitações encontradas pela agricultura coletivizada. Por fim, na seção 4, são tecidas as considerações finais.

2) Evolução Econômica e Política do Período Maoísta (1949-1978)

Simplificadamente, o Período Maoísta pode ser seccionado em seis subperíodos, incluindo a sucessão política de Mao Tsé-tung, a saber: i) Consolidação da República Popular da China (1949-1952); ii) 1º Plano Quinquenal (1952-1957); iii) Grande Salto Adiante (1958-1960); iv) Recuperação Econômica (1961-1965); v) Revolução Cultural (1966-1976); vi) Sucessão Política de Mao Tsé-tung (1976-1978).

Mais importante do que definir rigidamente uma periodização, a divisão acima permite sublinhar as sucessivas inflexões no curso dos acontecimentos da República Popular da China em suas três primeiras décadas. Para os propósitos do presente artigo, serão iluminados apenas alguns aspectos desta trajetória, especialmente no plano econômico e político, cujos efeitos terão importantes desdobramentos para o período posterior, a partir de 1978, quando Deng Xiaoping assume a posição de principal liderança do PCC, alterando decisivamente a rota da China.

2.1) Consolidação da República Popular da China (1949-1952)

Após a tomada do poder em outubro de 1949, as atenções do PCC voltaram-se aos objetivos econômicos imediatos, quais sejam, debelar a elevada inflação que acometia o país e recuperar o setor produtivo, devastado após anos de conflito. Até 1952, enquanto a inflação era controlada, a produção agrícola e industrial atingiram níveis superiores aos alcançados no período pré-revolucionário, ampliando a legitimidade popular do novo regime.⁶

No campo, a reforma agrária que já havia ocorrido nas áreas sobre o controle comunista no período anterior à Revolução Chinesa, se estendeu por todo o país. Generalizava-se na China a desapropriação das terras da aristocracia fundiária que eram redistribuídas entre os camponeses – processo marcado por novos conflitos –, bem como a concessão de alguns direitos sociais que já haviam sido testados em outras partes sob o domínio dos comunistas, como a expansão do ensino primário e saúde básica, a lei do divórcio, além da proibição do ópio.⁷

⁶ NAUGHTON, 2007 p. 65.

⁷ FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, pp. 319-325.

Nas cidades, as empresas estrangeiras foram nacionalizadas e teve início a expropriação das empresas privadas. Paralelamente, eram levados a cabo os movimentos de reeducação, cujo objetivo era difundir os novos valores que deveriam vigorar no regime recém-instaurado em oposição à antiga ordem. Tratavam-se, na verdade, de campanhas voltadas especialmente aos opositores remanescentes ao novo regime, sendo recorrentes as iniciativas nesta direção ao longo do Período Maoísta. Em 1952, foi realizada a Campanha dos Três-antis (contra a corrupção, o desperdício e a burocracia) dirigida aos funcionários do governo, da indústria e do PCC, seguida pela Campanha dos Cinco-antis (suborno, evasão fiscal, roubo de bens públicos, fraudes, divulgação de segredos de Estado) destinada aos capitalistas (industriais, mercadores, banqueiros) que ainda restavam no país. Estas duas campanhas de reeducação seriam a pedra de toque para a substituição de empresários e altos funcionários ligados à antiga ordem por aqueles alinhados às diretrizes do PCC, assegurando ao governo comunista o controle total sobre a atividade econômica.⁸

Nos quadros da Guerra Fria, a União Soviética se constituiu, inicialmente, no principal aliado internacional da China, apoio que seria determinante para o exitoso desempenho do país na primeira década do regime socialista, ao passo que Taiwan – herdeira do governo do Kuomintang – contaria com o apoio dos Estados Unidos, inclusive ocupando o acento de segurança da ONU destinada à China. Em outubro de 1950, a eclosão da Guerra da Coreia (1950-1953) contou com a participação soviética e chinesa, ratificando o alinhamento entre os dois países, que atuaram em conjunto ao lado das forças comunistas coreanas, assentadas ao norte da Coreia, no conflito contra os coreanos do sul, apoiados pelos Estados Unidos. A China enviou 2,3 milhões de soldados e recursos militares, desgastando-se sobremaneira neste conflito.⁹ Após o armistício, em julho de 1953, que resultou na divisão da Coreia,¹⁰ a China assegurou suas fronteiras e consolidou sua posição de aliada da União Soviética no tabuleiro geopolítico internacional.

Estava claro para as autoridades chinesas que o país deveria buscar como uma das prioridades desenvolver-se rapidamente no campo militar, o que pressupunha o avanço da indústria nacional. A China deveria tornar-se capaz de enfrentar possíveis ameaças externas a sua integridade territorial, em um cenário internacional crescentemente instável, marcado pela bipolaridade entre Estados Unidos e União Soviética.

2.2) 1º Plano Quinquenal (1952-1957)

⁸ Ibidem.

⁹ Idem, p. 322.

¹⁰ Por ocasião do término da Guerra da Coreia, ficou estabelecida a divisão da Coreia, no paralelo 38° ao norte da Linha do Equador, entre a República da Coreia (Coreia do Sul), capitalista, e a República Democrática da Coreia (Coreia do Norte), socialista.

Estabilizado o novo regime, entre 1953 e 1957, a condução da economia chinesa foi feita sob a égide do 1º Plano Quinquenal, inspirado na experiência de industrialização soviética. A União Soviética apoiou a China nestes anos de diferentes formas, recebendo chineses para treinamento, enviando técnicos soviéticos ao país, além de conceder empréstimos necessários à aquisição de insumos e máquinas, importados da própria União Soviética. Ao longo desses cinco anos, aproveitando-se notadamente da base industrial legada pelos japoneses na região da Manchúria, a China incorporou novos segmentos produtivos, expandindo rapidamente a produção de carvão, ferro, aço, petróleo e derivados, o que resultou na acelerada expansão da renda nacional nestes cinco anos.¹¹ Tal como na União Soviética, o modelo econômico implantado na China priorizava a industrialização pesada, essencial tanto para o setor bélico como para a infraestrutura.¹²

Por sua vez, do ponto de vista da organização das unidades produtivas, expandiu-se o controle estatal e coletivo em detrimento da propriedade particular, sendo extinta praticamente todas as empresas privadas no país até 1956.¹³ Na agricultura, o 1º Plano Quinquenal representou o avanço da coletivização do campo em substituição à pequena propriedade familiar. Em 1954, apenas 2% das famílias camponesas trabalhavam em cooperativas ou fazendas coletivas; em 1955 eram 14%, e, em 1956, 98%.¹⁴ A generalização das empresas estatais na indústria e a coletivização do campo são as bases sobre as quais a economia planificada chinesa se assentará a partir de 1956, ambas funcionando com preços e cotas de produção definidos pelo governo. Desta forma, a propriedade privada e a anarquia da produção mercantil deram lugar à propriedade estatal e coletiva e ao planejamento centralizado da produção.

Entre 1956 e 1957, sob o lema “Deixe cem flores florescerem juntas, deixe cem escolas de pensamento competirem”, ocorreu na China o chamado Movimento das Cem Flores, que se propunha a estimular o debate no interior da classe letrada sobre as transformações que estavam ocorrendo no país desde a vitória da Revolução Chinesa, em 1949.¹⁵ Em seu momento inicial, esta campanha surtiu pouco efeito, não contando com a adesão representativa da intelectualidade chinesa. Porém, no momento em que sua participação aumentou e as críticas ao regime se avolumaram, o governo encerrou os debates, iniciando um período de depurações dentro e fora do

¹¹ Segundo FAIRBANK e GOLDMAN (2006, p. 331), entre 1953 e 1957, a China cresceu a uma taxa anual média de 8,9% a.a..

¹² Sobre a priorização da indústria em detrimento da agricultura ao longo do Período Maoísta, ver MORAIS (2011, pp. 38-48).

¹³ NAUGHTON, 2007, p. 67.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, pp. 236-237.

PCC, culminando na Campanha Anti-direitista, em 1957, mais uma campanha destinada a combater dissidentes políticos no país.¹⁶

2.3) Grande Salto Adiante (1958-1960)

Em 1958, almejando a aceleração da economia, o governo chinês lançou o ambicioso programa denominado Grande Salto Adiante (1958-1960), em substituição ao 2º Plano Quinquenal – elaborado em 1956 –, nunca posto em prática. Apelando ao voluntarismo patriótico, o PCC conclamava os trabalhadores chineses a “andarem sobre as duas pernas” para que a China fosse capaz de “ultrapassar a Inglaterra em 15 anos”, por meio do aumento simultâneo da produção agrícola e industrial.¹⁷ O Grande Salto Adiante compreendeu um esforço que procurou promover simultaneamente a radicalização da ordem social socialista em favor de relações de produção mais igualitárias, o desenvolvimento das forças produtivas e a descentralização da atividade econômica na direção do interior do país.

Assim, em 1958, 750 mil cooperativas agrícolas foram reorganizadas em 23 mil comunas, compreendendo em torno de 90% da população rural chinesa. O tamanho de cada comuna variava entre 5 a 100 mil pessoas.¹⁸ As comunas correspondiam a unidades produtivas com alto grau de autonomia administrativa, em acordo com as diretrizes definidas pelos órgãos centrais de planejamento, e praticamente autossuficientes economicamente, sendo responsáveis pela produção agrícola para consumo próprio, entregando o excedente ao Estado, parte de sua produção industrial, além de assegurar educação e saúde para todos os seus residentes. Propunha-se no interior das comunas uma autêntica experiência socialista pautada na vida coletiva e em relações de produção horizontais, de forma a tornar possível a aproximação do trabalho intelectual com o manual, da gestão com a produção direta e da agricultura com a indústria, de sorte a possibilitar uma sociabilidade distinta daquela vigente na ordem capitalista. Do ponto de vista da organização da estrutura produtiva, a comuna foi uma das principais diferenças entre a experiência socialista chinesa em comparação com a União Soviética, cuja divisão entre o campo e a cidade era mais acentuada.¹⁹

Complementarmente, as comunas respondiam a motivações de natureza militar, pois se compreendia que a descentralização produtiva tornava o país menos vulnerável a eventuais ataques

¹⁶ Segundo Naughton (2007, p. 69), cerca de 800 mil intelectuais foram afastados de seus empregos e enviados para campos de trabalho forçado.

¹⁷ BÉRGERE, 1980, p. 43.

¹⁸ Idem, pp. 38-39

¹⁹ A respeito das comunas, ver, por exemplo, MORAIS (2011 pp. 38-48).

externos.²⁰ Observa-se, desde logo, que as ações do PCC estavam condicionadas pelo cálculo estratégico-militar, como se verifica na ênfase à indústria pesada e na pulverização da produção pelo interior do país por meio das comunas.

A partir do segundo de semestre de 1958, as comunas foram difundidas por toda a China, dando início ao Grande Salto Adiante. Ao término deste ano, os resultados positivos da agricultura encorajaram as autoridades chinesas a elevarem as metas de produção para o período seguinte. Contudo, os resultados se mostrariam muito aquém do esperado. A reorganização do campo chinês em torno das comunas consistiu, à época do Grande Salto Adiante, no desvio de parte da força de trabalho agrícola para outras atividades, seja em obras de irrigação e abertura de estradas, seja na produção industrial rural, notadamente na produção de aço realizada em pequenas siderúrgicas locais, os fornos de quintais – símbolo do período –, o que elevou a produção de aço no interior do país, a despeito da baixa qualidade da produção.²¹ Observa-se, contudo, que em uma economia planificada, tal como a chinesa naquele momento, são as restrições pelo lado da oferta que condicionam o ritmo de crescimento do país, na medida em que o governo dispõe de meios para mobilizar toda a capacidade produtiva e força de trabalho disponível. Desta forma, verifica-se que a aceleração do crescimento industrial e da construção civil alcançada nos primeiros anos do Grande Salto Adiante foi realizada a expensas da agricultura, reduzindo drasticamente a produção de alimentos no país.²²

Crescendo continuamente desde o início da década de 1950, acompanhando *pari passu* a elevação da população, a produção de alimentos atingiu em 1958 um volume máximo, declinando substancialmente nos dois anos seguintes. Em relação a 1958, a produção de grãos caiu 15% em 1959 e 28,5% no ano seguinte,²³ indícios do colapso da oferta de alimentos com impactos severos sobre a população chinesa. Além do deslocamento da força de trabalho da agricultura para outras atividades, a incidência de desastres naturais como inundações contribuíram para o mau desempenho da agricultura neste período.

Em julho 1959, foi realizada a Conferência de Lushan, que reuniu a cúpula do PCC para avaliar os resultados parciais do Grande Salto Adiante. O então ministro da Defesa,²⁴ Peng Dehuai, destacado militar por seu papel relevante ao longo do processo revolucionário bem como na Guerra da Coreia, apontou o que considerava exageros do plano, chamando atenção para os sinais da exaustão da força de trabalho rural e para a carestia de alimentos em diversas partes do país.

²⁰ Idem, p. 34.

²¹ BÉRGERE, 1980, p. 47.

²² MEDEIROS, 1999, pp. 283-286.

²³ MORAIS, 2011, p. 30.

²⁴ O ministro de Defesa é segundo cargo militar mais importante na República Popular da China, sendo o primeiro o presidente da Comissão Militar, exercida, àquela altura, pelo próprio Mao.

Acusado de direitista, Peng é afastado das forças armadas, sendo substituído por Lin Biao, mais próximo à visão de Mao, sendo mantidas em Lushan as diretivas centrais do Grande Salto.²⁵

A Conferência de Lushan marca uma inflexão decisiva no interior do PCC. Até aquele momento, não havia aflorado divergências fundamentais no interior da elite do PCC, formada por revolucionários que haviam se notabilizado desde os tempos da Longa Marcha na década de 1930. Contudo, a partir desta conferência, conforme se verificava a piora dos resultados agrícolas a clivagem no interior do PCC se acentuou, o que levou, posteriormente, ao abandono do plano em face do que se tornaria uma tragédia de proporções gigantescas.

Até o início de 1961, quando o Grande Salto Adiante foi oficialmente abandonado, os dados oficiais apontam para 20 milhões de mortos, enquanto Naughton (2006 p. 72), por exemplo, relata algo entre 25 e 30 milhões de óbitos –, de qualquer maneira a maior fome registrada da história da humanidade.²⁶ Esta crise alimentar relaciona-se à queda drástica na oferta de alimentos resultante da escassez de força trabalho para, a um só tempo, acelerar no montante exigido a produção agrícola e industrial, além da ocorrência de fenômenos climáticos adversos. Este acontecimento terá pelos anos seguintes repercussões importantes no interior do PCC, sepultando crescentemente o consenso em torno da liderança de Mao acerca de quais rumos a China deveria seguir.

Paralelamente, data desta época o início do Cisma sino-soviético, com consequências decisivas para o futuro da China e para a geopolítica da Guerra Fria. A relação entre União Soviética e China vinha se deteriorando, especialmente, a partir do início do Grande Salto Adiante, muito criticado desde seu anúncio pelo então secretário-geral do PCUS, Nikita Khrushchov.²⁷ Por sua vez, a China posicionara-se de forma contrária ao patrulhamento exercido pela União Soviética sobre os demais países socialistas, afirmando sua independência política em relação a Moscou. Em 1958, o posicionamento unilateral da China acerca de um possível conflito com Taiwan, acrescentaria mais um ponto de discordância entre os dois países, o qual se seguiu a Crise do Estreito de Taiwan, em 1958, na qual a União Soviética não apoiou a China, de sorte a evitar o acirramento político com os Estados Unidos.²⁸ A estas desavenças, soma-se a recusa dos soviéticos em cederem aos chineses a tecnologia da bomba atômica.²⁹

Em 1960, a União Soviética decidiu unilateralmente retirar seus técnicos da China, interrompendo uma série de projetos em andamento no país. Em 1962, o encaminhamento dado por Khrushchov por ocasião da “Crise dos Mísseis” seria duramente criticado por Mao, que acusaria a

²⁵ FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, pp. 3426-344.

²⁶ As mortes relacionam-se a desnutrição causada pelo racionamento de alimentos.

²⁷ FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, p. 349.

²⁸ Ibidem.

²⁹ Ibidem.

União Soviética de revisionista e de ter capitulado diante dos interesses imperialistas, pois, para ele, aderir à estratégia de “passagem pacífica para o socialismo”, significava, na prática, o abandono do “internacionalismo proletário”.³⁰ Finalmente, em 1964, foi oficialmente rompida a relação diplomática entre a China e a União Soviética, dando início a uma disputa territorial na fronteira entre ambos os países, que se tornaria progressivamente belicosa nos anos seguintes.³¹ Em última análise, as divergências entre a União Soviética e a China relacionam-se “a uma tomada de consciência progressiva das realidades e das ambições nacionais” (BÉRGERE, 1980, p. 43) de cada um, tornando-se paulatinamente secundárias o compromisso com a expansão internacional do socialismo dentro das estratégias nacionais de ambos.

Neste período, a China foi acometida por outros conflitos em suas fronteiras. Em 1959, o país enfrentou um levante separatista no Tibete logo derrotado, o que ocasionou a fuga de cerca de 100 mil tibetanos, que migraram para a Índia. Em 1962, a China e a Índia entraram em uma curta guerra devido a uma disputa territorial na fronteira entre os dois países, na qual a China saiu-se vitoriosa. Como corolário destas disputas, ao longo da década de 1960, a China tornar-se-ia um país isolado nos marcos da Guerra Fria, cercado regionalmente por potenciais inimigos e bloqueada internacionalmente pelas duas principais potências – Estados Unidos e União Soviética – e seus aliados diretos.

2.4) Recuperação Econômica (1961-1965)

Enquanto externamente, a China encontrava-se cada vez mais encerrada em si própria, foi adotada no país uma série de medidas com o objetivo de recuperar sua economia após o colapso provocado pelo Grande Salto Adiante. Assim, foram tomadas iniciativas em favor dos mecanismos de mercado como meio encontrado para a elevação da produtividade agrícola, características que conformam o Período de Recuperação Econômica (1961-1965). Como mencionado acima, desde o início de 1961, as autoridades chinesas assumiram o fracasso do Grande Salto Adiante, o abandonando, enquanto Mao se retirou temporariamente do centro da política interna do país, concentrando suas atividades nas questões relacionadas à política externa chinesa, embora continuasse sendo a principal liderança da China. Este movimento abriu espaço para que Liu Shaoqi, presidente do país desde 1959 – em substituição a Mao, que mantinha-se, contudo, como a figura política mais importante do país –, e Deng Xiaoping, secretário-geral do PCC desde 1957, ao lado de outras importantes lideranças se ocupassem do quadro de crise econômica interna. Estas lideranças

³⁰ NAVES, 2005, pp. 63-64.

³¹ A fronteira entre a China e a União Soviética estendia-se por 6,4 mil quilômetros.

contariam com o apoio de Zhou Enlai, então primeiro-ministro,³² na realização das mudanças na esfera econômica, ao passo que Mao, envolvido nas contendas internacionais, especialmente com a União Soviética, perdeu parcialmente sua influência sobre as decisões internas do PCC, preservando, contudo, seu primado sobre as forças armadas, então comandadas por Lin Biao.

Em avaliação apresentada por Liu ao PCC realizada em 1962, as calamidades naturais não responderiam por mais do que 30% da gravíssima crise alimentar que se abateu sobre o país, cabendo aos erros humanos os outros 70%, o que exigia, em sua avaliação, a reorientação da economia chinesa.³³ O objetivo preponderante era a recuperação da atividade agrícola, que apenas retornaria a normalidade plenamente em 1966.

Assim, ao longo de 1961, as 23 mil comunas existentes foram subdivididas em 70 mil, diminuindo o tamanho médio de cada uma delas para cerca de 15 mil residentes, de sorte a facilitar o processo de organização produtiva. Além do envio de trabalhadores da cidade para o campo e do fechamento de parte da atividade fabril na zona rural, foram reintroduzidos incentivos materiais, com a possibilidade de troca de excedentes agrícolas e a reabertura de mercados locais. Tratava-se de estimular os produtores agrícolas por meio da permissão de que se beneficiassem diretamente dos resultados da sua produção, ao invés de cumprirem apenas as cotas pré-estabelecidas tal como acontecia no regime anterior. É neste contexto que Deng, ao defender a adoção de mecanismos de mercado como forma a estimular o aumento da produção de alimentos, mencionaria em 1962 o célebre ditado de sua província natal, Sichuan, segundo o qual “não importa a cor do gato, contanto que pegue os ratos” (DENG, 1993, p. 236). Destaca-se nesta época a figura de Chen Yun na proposição de iniciativas pró-mercado para a recuperação da produção de alimentos, chamando atenção desde aquela época para a necessidade de se combinar o planejamento estatal com instrumentos de mercado.³⁴

Pouco a pouco, a produção de alimentos se recuperaria, alcançando a partir de 1966 níveis superiores aos de 1958, retomando a trajetória de crescimento da produção agrícola em compasso com o aumento populacional. Para Deng e Liu, contanto que os resultados econômicos apresentassem progresso em termos de produtividade, admitia-se o uso de mecanismos de mercado. Esta abordagem contradizia o caminho proposto por Mao, caracterizando uma das contradições fundamentais que se cristalizaria entre as lideranças do PCC durante o Período de Recuperação Econômica. De um lado, havia a facção capitaneada por Liu e Deng que preconizavam prioritariamente o desenvolvimento das forças produtivas, mesmo que assentada em relações

³² Zhou Enlai foi primeiro-ministro da China entre o início do regime socialista, em outubro de 1949, e sua morte, em janeiro de 1976, sendo a segunda principal autoridade do país neste período.

³³ BÈRGERE, 1980, p. 46.

³⁴ MORAIS, 2011, p. 55.

mercantis, que se traduziriam, cedo ou tarde, na alienação do trabalho e no aumento da diferenciação social. De outro lado, estava a frente alinhada a Mao, que não dissociavam o progresso material da necessidade de transformação das relações de produção no interior da sociedade chinesa em favor da igualdade social.

Em 1964, Zhou Enlai anunciou, por ocasião do Terceiro Congresso Nacional do PCC, a necessidade do país buscar prioritariamente as Quatro Modernizações, nos segmentos da Agricultura, Indústria, Defesa e Ciência & Tecnologia.³⁵ Tratava-se do reconhecimento da premência do país atingir o progresso material como condição necessária não apenas para elevar o padrão de vida da população, mas, também, para garantir a própria sobrevivência do regime socialista em face da potencial ameaça representada pelo maior grau de desenvolvimento econômico e militar das nações rivais. As Quatro Modernizações seriam retomadas mais de uma década depois, tornando-se um dos lemas das reformas preconizadas por Deng, indicativo de que a agenda em favor da transformação estrutural da economia de forma a possibilitar à China equiparar-se às principais potenciais mundiais já se constituía em um dos elementos centrais no horizonte do PCC desde os tempos de Mao.

Sentindo a perda de espaço no PCC, Mao, ainda em 1963, chefou o Movimento de Educação Socialista, que, apesar de contar com a participação de Liu e Deng, será um primeiro esforço de contenção do que considerava desvirtuamento da revolução após a adoção das políticas de recuperação. No entanto, esta campanha não obteve resultados expressivos.³⁶ Até 1966, outras campanhas foram lançadas, sempre com o intuito de reafirmar o primado da luta de classes e evitar a restauração capitalista no país.³⁷ Em 1964 foi lançado o pequeno livro “Citações do presidente Mao Tsé-tung”, mais conhecido como Livro Vermelho, que se constituía em uma compilação de trechos da obra e discursos de Mao, tendo como objetivo inicial ser distribuído entre os membros do ELP.³⁸ Nesta mesma época, as insígnias das fardas militares foram retiradas, como uma demonstração do compromisso do ELP com o igualitarismo que segundo ele deveria vigorar em toda a China.³⁹ Paralelamente, também em 1964, a China, por meios próprios, faz seu primeiro teste com bomba atômica, tornando público para o mundo o domínio desta tecnologia militar. Apesar da debilidade material do país em diversos segmentos, a China, em larga medida, possuía um arsenal bélico suficientemente poderoso para dissuadir eventuais ataques externos ao seu território.⁴⁰

³⁵ As Quatro Modernizações foram apresentadas pela primeira vez em 1963 por Zhou Enlai em uma reunião de trabalho em Xangai (HE, 2001, p. 433).

³⁶ FAIRBANK e GOLDMAN, 2006, p. 346.

³⁷ Acerca das campanhas de reeducação socialista ver, por exemplo, NABUCO (2009, pp. 7-10).

³⁸ MAO (2010).

³⁹ NABUCO, 2009, p.10.

⁴⁰ Em 1969, seriam realizados na China os primeiros testes com bomba de hidrogênio.

O isolamento chinês no contexto da Guerra Fria e o envolvimento dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã a partir de 1964,⁴¹ levariam a China a implementar um amplo programa de construções pelo interior do país denominado Terceiro Fronte.⁴² O objetivo deste programa era criar bases produtivas em áreas remotas do país, cercadas por montanhas, de forma a tornar o fornecimento industrial, especialmente militar, ainda mais disperso pelo interior do país, uma reafirmação dos propósitos descentralizadores já presente na concepção das comunas. O Terceiro Fronte alcançou êxito parcial na consecução de seus propósitos originais sendo interrompido em 1966, a partir do início da Revolução Cultural, discutida a seguir.

2.5) Revolução Cultural (1966-1976)

O início da Revolução Cultural relaciona-se à obra “Hai Rui demitido do cargo”, encenada em 1961 de autoria do historiador e então vice-prefeito de Pequim Wu Han. O enredo se passa no Período Imperial e trata-se da trajetória de um leal mandarim que, ao optar por defender os camponeses, é penalizado por se opor os desmandos do imperador, uma flagrante alusão à demissão de Peng Dehuai por ocasião da Conferência de Lushan, em 1959. As críticas a esta obra ganharam vulto em 1965, quando Yao Wenyuan⁴³ – jornalista e membro da seção de propaganda do Comitê Municipal de Xangai – em artigo de jornal classificou a peça como um ato de traição ao denegrir o pensamento e a imagem de Mao.⁴⁴

Este episódio desencadeou no interior do PCC uma discussão polarizada no final de 1965 e começo de 1966 acerca dos caminhos da cultura no país, debate mediado por Mao, que já vinha procurando recuperar sua primazia sobre as diretrizes internas do partido. De um lado, estava o Grupo dos Cinco, recém-criado por Mao, que era capitaneado por Peng Zhen, prefeito de Pequim, superior de Wu Han e próximo politicamente de Liu Shaoqi e Deng Xiaoping, cuja tarefa era pensar as novas bases sobre as quais a cultura no país deveria assentar-se, embora sua posição mostrar-se-ia cautelosa sobre o ritmo das mudanças neste campo bem como sobre o significado político da peça de Wu. De outro lado, figurava o grupo liderado pela esposa de Mao, Jiang Qing e Yao Wenyuan, que, tal como Mao, afirmava que a cultura do país havia se aburguesado e estava perpetuando os valores tradicionais, o que obstaculizava transformações radicais no campo da cultura condizentes com o novo tipo de sociedade que se pretendia formar.

⁴¹ A China não enviou tropas à Guerra do Vietnã (1955-1975), mas contribuiu com o fornecimento de armas e mantimentos para as forças comunistas do Vietnã do Norte, que estavam em conflito com o Vietnã do Sul, apoiado maciçamente pelos Estados Unidos.

⁴² NAUGHTON, 2007, pp. 73-74.

⁴³ Yao Wenyuan, posteriormente, fará parte da chamada Gangue dos Quatro, como será discutido adiante.

⁴⁴ SPENCE, 1990, p. 601.

Os desdobramentos deste debate se materializariam na emissão pelo PCC da Circular de 16 de Maio, que dissolvia o Grupo dos Cinco, sentenciando a prisão de seus membros sob a acusação de direitismo, revisionismo e obstrução das transformações culturais do país, sendo criado em seu lugar o Grupo Central da Revolução Cultural, composto por Jiang Qing, Yao Wenyuan, dentre outros membros do PCC, com o objetivo justamente de alterar drasticamente os marcos culturais do país. Estava lançada, assim, a Grande Revolução Cultural Proletária, momento que assinala a retomada de Mao na condução interna do PCC, inaugurando um período de novas depurações dentro e fora do PCC e de amplas transformações sociais.

Desde logo, a Revolução Cultural trata-se de um movimento demasiadamente complexo para retomá-lo no presente trabalho em toda a sua inteireza, cumprindo apenas assinalar seus desdobramentos políticos mais imediatos, que respondem pela inflexão política do PCC no começo da década de 1970.⁴⁵ Não há consenso sobre a duração da Revolução Cultural, tendo sua fase mais aguda se estendido até abril de 1969.⁴⁶ Segundo John Fairbank (2006, pp. 352-354), na medida em que parte de suas atividades continuaram até a morte de Mao, em 1976, define-se o intervalo entre 1966 e 1976 como aquele correspondente ao Período da Revolução Cultural, na China. As razões para sua eclosão não se coadunam apenas como uma manobra de Mao para retomar a condução da política interna da China. Contando neste processo com o firme apoio do ELP, liderado naquele momento por Lin Biao, a Revolução Cultural representou, também, um movimento que almejava evitar a solidificação de estruturas sociais viciadas que restaurassem a antiga ordem hierárquica e capitalista no país, que, segundo Mao, se insinuava, sobretudo, após as políticas de recuperação encampadas por Liu Shaoqi e Deng Xiaoping que se seguiram ao Grande Salto Adiante.

A partir da Circular de 16 de Maio, uma enorme campanha encampada por Mao tomou o país de assalto, em que estudantes foram autorizados a criticar as hierarquias nas escolas por meio dos Dazibao, grandes cartazes em que eram escritos críticas às hierarquias e ao revisionismo. Em seguida, teve início a campanha contra as chamadas Quatro Antiguidades (ideias, hábitos, cultura e costumes), que seriam responsáveis por bloquear as transformações sociais na China.⁴⁷ Deng e Liu, naquele momento autoridades centrais do PCC, tentaram conter as insurreições estudantis enviando grupos de trabalho às universidades em Pequim com o objetivo de dissuadi-las, mas, logo, se veriam acometidos por elas. Em agosto de 1966, por ocasião da 11ª Sessão Plenária do PCC conduzida por Mao, há uma redefinição na hierarquia do PCC. Liu Shaoqi, então presidente da China, é rebaixado na hierarquia do PCC, ainda que tenha conservado seu cargo. Lin Biao, ministro

⁴⁵ Ver, por exemplo, NAVES (2005), FAIRBANK e GOLDMAN (2006, pp. 352-371), SPENCE (1990, pp. 598-609).

⁴⁶ FAIRBANK; GOLDMAN, 2006. p. 262.

⁴⁷ SPENCE, 1990, p. 606.

da Defesa e alinhado com as diretrizes de Mao, torna-se a partir de então uma figura ainda mais importante no PCC.⁴⁸

Em seguida, foi aberto o alistamento para a Guarda Vermelha a ser formada por estudantes. Sua finalidade era criar um canal de comunicação direta entre Mao e os jovens de todo o país, que estariam autorizados a fazer julgamentos públicos e submeter à sessões de autocrítica todos aqueles que fossem “condenados” por estarem se desvirtuando dos princípios da revolução ligados ao igualitarismo e a supressão dos valores tradicionais.⁴⁹ Desta forma, fustigados por Mao sob o lema “aprendam sobre revolução fazendo revolução”, cerca de dez milhões de estudantes em todo o país se alistaram voluntariamente na Guarda Vermelha, contando com transporte (ferroviário) e hospedagem gratuitos, fixando-se, inicialmente, em Pequim.⁵⁰ São marcas iconográficas desta época os jovens chineses com o Livro Vermelho em mãos e a braçadeira vermelha, utilizada pela Guarda como sinal de pertencimento a ela.

Em 1967, Liu e Deng foram afastados definitivamente de suas funções políticas, sendo presos sob a acusação de serem os principais “defensores do capitalismo” no país.⁵¹ Após sessões públicas de autocrítica, a sorte de cada um dependeu do apoio que receberam do que restou da cúpula do PCC (Mao e Zhou). Deng foi enviado para uma escola de reeducação e, posteriormente, para uma fábrica na Província de Jianxi, localizada no sudeste do país, enquanto Liu permaneceria preso, falecendo no cárcere em 1969.⁵² Assim, enquanto o PCC progressivamente encontrava-se esvaziado de suas funções, com diversos quadros políticos presos ou afastados sob a acusação de direitismo e revisionismo, sob o comando de Mao, a Guarda Vermelha, o ELP e o Grupo Central da Revolução Cultural projetavam-se como elementos centrais da política interna chinesa neste período.

Entre 1967 e o começo de 1968, os conflitos se generalizariam por toda a China, se formando facções antagônicas da Guarda Vermelha, que, em alianças com forças militares regionais,⁵³ quase levaram o país a uma guerra civil. Em face à situação de extrema instabilidade política do país, em julho de 1968, Mao decretou a dissolução da Guarda Vermelha, ordenando que o ELP combatesse os grupos dissidentes e formasse comitês revolucionários em todas as províncias, processo que duraria até 1969, encerrando a fase mais intensa da Revolução Cultural.⁵⁴

Em abril deste ano, é realizado o IX Congresso do PCC, no qual se definiu uma nova constituição para o país assentada no pensamento de Mao, ficando a composição do Comitê Central

⁴⁸ FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, p. 359.

⁴⁹ Idem, p. 359-361

⁵⁰ Idem, p. 360.

⁵¹ SPENCE, 1990, p. 606.

⁵² SHAMBAUGH, 1993, p. 466.

⁵³ Quando criada, a Guarda Vermelha não estava autorizada a portar armas.

⁵⁴ Segundo Merle Goldman (2006, p. 376), em decorrência da Revolução Cultural, meio milhão de pessoas morreram ou cometeram suicídio e cerca de cem milhões foram perseguidas.

do PCC a cargo principalmente de militares, que aumentaram sua participação no PCC de 19%, em 1956, para cerca de dois terços neste momento.⁵⁵ Neste ínterim, Lin Biao consolidou-se dentro do PCC como principal candidato a sucessão de Mao, então com 76 anos.

Entre 1969 e 1971, preocupado com o aumento da força dos militares dentro do PCC, Mao procurou limitar esta influência, minimizando a importância de Lin Biao, que, paulatinamente, tornar-se-ia uma força rival a Mao dentro do PCC. Ao longo destes anos, Mao teceu ataques indiretos a Lin Biao e o afastou pouco a pouco do centro das decisões do PCC, buscando também enfraquecê-lo entre as facções regionais do ELP.⁵⁶ Crescentemente ameaçado dentro do PCC, Lin Biao tentou arquitetar um golpe de Estado, fracassando, no entanto. Em uma suposta tentativa de fuga, Lin Biao morrerá com sua esposa após a queda do avião em que viajavam próxima à fronteira entre a China e a Mongólia, quando rumavam supostamente para a União Soviética, acontecimento até hoje envolto de mistério.⁵⁷

Após seu falecimento, Lin Biao passou a ser atacado publicamente por Mao, que o acusaria de traidor e o associaria a Confúcio, sob a alegação de mostrar-se refratário à modernização do país.⁵⁸ Por outro lado, quatro dos membros do já esvaziado Grupo Central da Revolução Cultural (Jiang Qing, Zhang Chunqiao, Wang Hongwen e Yao Wenyuan), formaram o que ficaria conhecido posteriormente como a Gangue dos Quatro, a facção dentro do PCC defensora dos princípios defendidos por Mao durante o auge da Revolução Cultural e opositora às posições consideradas contrarrevolucionárias, relacionadas às práticas mercantis do período de Recuperação Econômica associadas, especialmente, a Liu Shaoqi e Deng Xiaoping. Este grupo, atuante na cidade de Xangai, teria presença marcante nos meios de comunicação chineses até 1978.

No que diz respeito à política externa, desde o rompimento com a União Soviética, em 1964, a China encontrava-se isolada, não obtendo maiores progressos na articulação de uma frente unida com os demais países não-alinhados. Em pleno curso da Revolução Cultural, a disputa na fronteira entre China e União Soviética, que tivera início na região da Manchúria, estendeu-se, a partir de 1968, para a fronteira soviética com a Província de Xinjiang, no noroeste da China, havendo o envio de grandes efetivos militares de parte a parte para a região.⁵⁹ O antagonismo entre os dois países, abriu espaço, contudo, para uma aproximação entre os Estados Unidos e a China, num movimento que teria consequências de longo alcance sobre os rumos do país e da Guerra Fria.

⁵⁵ FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, p. 362.

⁵⁶ Idem, p. 367.

⁵⁷ Ibidem.

⁵⁸ SPENCE, 1990, p. 622.

⁵⁹ SPENCE, 1990, pp. 615-616.

A política de contenção da União Soviética feita pelos norte-americanos tornava conveniente a reconciliação com os chineses naquele momento.⁶⁰ Em abril de 1971, após contatos preliminares entre Zhou Enlai e Henry Kissinger⁶¹ – então conselheiro de Segurança Nacional norte-americano no mandato do Presidente Richard Nixon (1969-1974) –, foi retirado o embargo comercial sobre a China, e, em outubro, o país ingressaria na ONU em substituição a Taiwan, ocupando inclusive o assento de segurança destinado aos chineses, sendo anunciado posteriormente o encontro oficial entre as autoridades chinesas e norte-americanas. Em fevereiro de 1972, Nixon e sua comitiva oficial capitaneada por Henry Kissinger visitaram a China. Ao final desta visita, é assinado pelos dois países o Comunicado de Xangai, no qual se firmava o compromisso com o reestabelecimento de relações diplomáticas formais entre a China e os Estados Unidos e a oposição de ambos a busca de hegemonia de qualquer país na Ásia. Em seguida, ainda 1972, outras nações seguiriam o mesmo caminho adotado pelos norte-americanos, de sorte que a Alemanha Ocidental, Inglaterra e Japão retomaram as relações diplomáticas com a China. Com efeito, cumpre assinalar que apenas em dezembro de 1978, os Estados Unidos estabeleceriam relações diplomáticas oficialmente com a China, preservando em Taiwan, todavia, enorme contingente militar, presente até os dias de hoje.

Se no âmbito externo o começo da década de 1970 marcou o rompimento do isolamento internacional chinês, internamente, emergiu no seio do PCC uma nova correlação de forças, precipitando as bases para ulterior mudança na condução da política interna do país. Em 1973, o estado de saúde das principais lideranças chinesas, Mao Tsé-tung e Zhou Enlai, respectivamente com 80 e 74 anos, piorou sensivelmente, com Zhou sendo diagnosticado com câncer um ano antes.⁶² Por outro lado, a maioria das lideranças históricas remanescentes da Longa Marcha se encontravam mortos, presos ou afastados do PCC. É neste momento que Mao, atendendo aos apelos de Zhou,⁶³ reabilitou Deng Xiaoping, que passou a atuar ao lado de Zhou em suas tarefas diplomáticas e na tentativa de reorganizar os órgãos de planejamento central da China.⁶⁴ Em 1974, Deng foi escalado por Mao para substituir Zhou como principal interlocutor com os Estados Unidos, e, nos anos seguintes, é investido dos cargos de chefe do ELP e vice-primeiro-ministro.⁶⁵

Importante sublinhar que, entre 1974 e 1975, as relações entre Zhou e Mao se deterioraram sensivelmente.⁶⁶ Kissinger, em seu livro “Sobre a China” (2012, pp. 294-299), sugere que as desavenças entre os dois tiveram origem, especialmente, nos distintos posicionamentos relacionados

⁶⁰ A respeito da aproximação entre China e Estados Unidos, ver KISSINGER (2012).

⁶¹ Henry Kissinger foi secretário de Estado dos Estados Unidos entre 1973 e 1977 e conselheiro nacional de Segurança entre 1969 e 1975.

⁶² CHANG; HALLIDAY, 2012, p. 581.

⁶³ SHAMBAUGH, 1993, pp. 466-467.

⁶⁴ BÉRGERE, 1980, p. 50.

⁶⁵ FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, p. 370.

⁶⁶ Ver, por exemplo, CHANG e HALLIDAY, 2012, pp. 581-587.

à aproximação da China com os EUA. Ao passo que Mao considerava esta aproximação um movimento tático, algo passageiro, Zhou, por sua vez, vislumbrava uma relação duradoura com os norte-americanos, essencial para o desenvolvimento futuro do país.

Por sua vez, Deng firmara por esta época importantes vínculos com o ELP que, desde a morte de Lin Biao, encontrava-se desarticulado, com as lideranças das forças armadas sequiosas por um projeto modernizador.⁶⁷ Esta proximidade será essencial para a resiliência de Deng frente às eventuais tentativas de ser deposto por seus rivais dentro do PCC.

Cada vez mais debilitado, Mao permaneceria como o árbitro no interior do PCC da disputa entre, de um lado, a Gangue dos Quatro e, de outro, Zhou Enlai e Deng Xiaoping, num embate cujas raízes data, como mencionado acima, desde os anos posteriores ao ocaso do Grande Salto Adiante. Enquanto a Gangue dos Quatro, que tivera papel destacado na Revolução Cultural, definia a luta de classes e o igualitarismo como elementos centrais em sua estratégia para o país, Zhou e Deng tinham como centro de suas preocupações o desenvolvimento das forças produtivas da China, no entender deles cada vez mais atrasadas em relação às principais potências industriais, admitindo a adoção de mecanismos de mercado e tudo o mais que se mostrasse pertinente a este objetivo. Por sua vez, este antagonismo se estendia à política externa chinesa, com a Gangue dos Quatro assumindo uma postura irredutível de oposição à aproximação com o bloco capitalista ocidental, enquanto Zhou e Deng a entendiam como indispensável para a modernização do país.

Em janeiro de 1975, em um dos seus últimos atos público antes de seu falecimento, Zhou, ao lado de Deng, proferiu um discurso em que retomou a necessidade de se priorizar as Quatro Modernizações.⁶⁸ Reafirmava-se o compromisso com o progresso material, com Zhou sentenciando que, no caso do país lograr êxito na consecução das modernizações, o país se tornaria uma das mais importantes economias do mundo ainda no final do século XX, sendo indispensável alçar as Quatro Modernizações à condição de objetivo prioritário.⁶⁹

Em decorrência das complicações do câncer que contraíra quatro anos antes, Zhou faleceu em 8 de janeiro de 1976. Foi concedido a Zhou um funeral discreto, sem a presença de Mao, sob a alegação de estar doente – embora tenha recebido o presidente de São Tomé e Príncipe, duas semanas antes.⁷⁰ Em 15 de janeiro, coube ao então vice-primeiro-ministro, Deng, fazer o discurso no funeral de Estado de Zhou, no qual elogiou a trajetória e a postura austera e leal do falecido líder chinês, em um gesto que demarcava nitidamente a cisão dentro do PCC, uma vez que tanto Deng

⁶⁷ Ver, por exemplo, MARTI (2007) e SPENCE (2010, p. 653).

⁶⁸ SHAMBAUGH, 1993, p. 467.

⁶⁹ KISSINGER, 2012, pp. 298-299.

⁷⁰ SPENCE, 1990, pp. 645-646.

como Zhou, ambos do mesmo lado, vinham sendo alvo de recorrentes críticas da Gangue dos Quatros, sempre sob a acusação de restauradores do capitalismo no país.⁷¹

Hua Guofeng, até aquele momento uma figura pouco expressiva no PCC, foi investido por Mao do cargo de primeiro-ministro após a morte de Zhou. Em abril de 1976, no dia em que os chineses homenageiam os mortos, foi realizado um amplo cortejo em memória de Zhou, com cerca de cem mil pessoas comparecendo à Praça da Paz Celestial em Pequim para deixar flores e prestar homenagens ao falecido líder chinês, descumprindo a regra estabelecida que banira qualquer tipo de luto nos logradouros públicos do país.⁷² A remoção das homenagens desencadeou um conflito aberto na praça entre policiais e a população, que ficaria conhecido como o “Incidente em Tiananmen”.⁷³ Suprimido o ato público, Deng foi acusado de incitar a manifestação, o que resultou novamente na remoção de seus cargos e na sua prisão. Contudo, desta vez, Deng contaria com prisão domiciliar, dado seu grande prestígio junto às forças armadas, cada vez mais próximas de seu projeto político para a China.⁷⁴

Em julho de 1976 ocorreu o grande terremoto de Tangshan, a leste de Pequim, impactando fortemente o país, levando a morte cerca de 250 mil pessoas e o ferimento de outras 160 mil.⁷⁵ Pouco tempo depois, em 9 setembro, Mao, há muito adoentado, falece, legando sua sucessão a Hua Guofeng, dando início a uma nova fase na política chinesa.

2.6) A Sucessão Política de Mao (1976-1978)

Entre a morte de Mao e a 3ª Plenária do XI Congresso do Partido Comunista Chinês, em dezembro de 1978, quando Deng projeta-se como principal liderança do PCC, conforma-se o Período da Sucessão Política de Mao. Neste curto intervalo, Hua Guofeng foi a principal autoridade política da China, assumindo, simultaneamente, os cargos de presidente, primeiro-ministro, presidente do Comitê Central do PCC e da Comissão Militar, controlando, portanto, os três alicerces políticos do país, o PCC, o Estado e o Exército.⁷⁶ Uma das primeiras medidas de Hua ao assumir o comando do país foi ordenar a prisão da Gangue dos Quatros, que seriam posteriormente levados a julgamento sob a acusação de uma pletora de crimes políticos cometidos ao longo da Revolução Cultural.⁷⁷

⁷¹ Idem, p. 647.

⁷² FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, pp. 370-371.

⁷³ Idem, p. 648. “Praça da Paz Celestial” corresponde à tradução de Tiananmen, grafia em chinês no sistema Pinyin.

⁷⁴ CHANG; HALLIDAY, 2012, pp. 606-610.

⁷⁵ SPENCE, 1990, p. 649.

⁷⁶ SPENCE, 1990, p. 652. Neste período, em junho de 1977, o cartunista brasileiro Henfil visitou a China, tendo relatado vivamente esta viagem no livro, “Henfil na China (antes da Coca-Cola)”, publicado em 1980.

⁷⁷ SPENCE, 1990, pp. 650-651. O julgamento dos membros da Gangue dos Quatros ocorreu em 1981, com Jiang Qing e Zhang Chunqiao recebendo a pena capital, posteriormente, comutada em prisão perpétua, enquanto Wang Hongwen e Yao Wenyuan foram condenados a 20 anos de prisão. Apoiadores da Gangue dos Quatros também foram presos. Todos os membros da Gangue dos Quatros se encontram falecidos: Jiang, em 1991, Wang, em 1992, Zhang e Yao, em 2005.

Segundo Jonathan Spence (1990, p. 651), esta atitude deveu-se menos a astúcia política de Hua e mais a pressão do alto comando militar de Pequim, o que, de qualquer maneira, contribui para consolidar sua liderança à frente do PCC naquele momento.

No começo de 1977, Hua anunciou o que ficaria conhecido como a política dos “Dois Quaisquer”, segundo a qual o PCC defenderia resolutamente quaisquer decisões políticas tomadas por Mao e manteria quaisquer instruções deixadas por ele, sendo estas as diretrizes que o país deveria seguir a partir de então.⁷⁸ Por sua vez, no X Congresso, em julho de 1977, contando com o apoio de importantes facções do ELP e do PCC,⁷⁹ Deng, à época com 73 anos, foi, novamente, politicamente reabilitado, dando início ao paulatino eclipse de Hua dentro do PCC. Neste mesmo congresso, Deng voltou a fazer parte do Comitê Permanente do Politburo – que, após a morte de Mao, tornar-se-ia novamente um importante espaço decisório dentro do PCC –, recuperando os cargos políticos que exercera antes de seu afastamento, em 1976.⁸⁰

Até o final de 1978, não houve consenso no interior do PCC para uma série de questões relacionadas ao futuro da China, refletindo a ambiguidade entre os posicionamentos de Hua e Deng.⁸¹ Por seu turno, neste momento, diversas lideranças expurgadas do PCC durante a Revolução Cultural voltaram à cena política chinesa, com destaque para Chen Yun, além da reabilitação póstuma de importantes figuras políticas que haviam falecido no ostracismo, como fora o caso de Liu Shaoqi, em 1969, e Peng Dehuai, em 1974 – ambos seriam contemplados com funeral de Estado no começo da década de 1980 –, o que, paulatinamente, fortaleceria a posição de Deng dentro do PCC.

Em dezembro de 1978, por ocasião da 3ª Plenária do 11º Congresso do Partido Comunista Chinês, Deng conseguiria reunir o apoio necessário para fazer o anúncio da inflexão de grandes proporções no interior do PCC em favor das Quatro Modernizações, sendo alinhavadas diversas iniciativas que se distanciavam da continuidade proposta por Hua, que se tornaria cada vez mais isolado. A partir de então, Deng se consolidaria como o principal artífice da política chinesa, dando início às Reformas Econômicas, inaugurando um período de amplas transformações no país, solapando, assim, a continuidade na condução do PCC preconizada por Hua.

3) Transformações estruturais da economia chinesa durante o Período Maoísta (1949-1978)

O advento da Revolução Chinesa em 1949 concentrou o poder político do país nas mãos do PCC, que, ao controlar o Estado chinês, se contrapôs aos senhores da terra, à incipiente burguesia

⁷⁸ KISSINGER, 2012, pp. 321-322.

⁷⁹ SPENCE, 1990, p. 653.

⁸⁰ MARTI, 2007, pp. 1-4.

⁸¹ KISSINGER, 2011, pp. 322-332.

nacional e aos interesses internacionais remanescentes do pós-Segunda Guerra Mundial, especialmente, na Manchúria e cidades portuárias. No plano externo, entre 1949 e 1978, a China conseguiu preservar sua integridade territorial e dominar tecnologias militares estratégicas, como a bomba atômica, de sorte que, a partir de 1949, assiste-se ao encerramento definitivo da presença estrangeira no país – exceto em Hong Kong e Macao, reintegradas ao território chinês apenas na década de 1990 e Taiwan (República da China), que se mantém como um Estado Nacional independente até os dias de hoje.

Durante o período maoísta, a estatização dos meios de produção e a planificação da economia alcançaram importantes avanços na industrialização pesada e na infraestrutura (com a duplicação das ferrovias e da área irrigada).⁸² Entre 1952 e 1978, o setor secundário aumentou sua participação no PIB de 10% para 36,8, enquanto o setor primário caiu de 59,7 para 34,4%, no mesmo período.⁸³ Por outro lado, a população rural manteve-se estável, próxima a 80%, o que sinaliza a importância da industrialização realizada nas comunas. A China em 1978 caracterizava-se por ser um país significativamente industrializado, embora não urbanizado.

Entre 1952 e 1978 a China cresceu a uma taxa anual média de 4,4% a.a., muito superior ao verificado entre 1820 e 1952, quando esta taxa foi de 0,22% a.a..⁸⁴ Com efeito, apesar do PIB chinês triplicar entre 1952 e 1978, em termos internacionais, o país manteve sua participação na economia mundial, em torno de 5%. Enquanto entre 1700 e 1820 o PIB *per capita* chinês permaneceu essencialmente o mesmo e entre 1820 e 1952 declinou a uma taxa anual média de 0,1% a.a., entre 1952 e 1978 esta tendência foi invertida, com a taxa anual média de crescimento sendo de 2,33 a.a., contudo, abaixo da média mundial neste período, de 2,62% a.a..⁸⁵

Houve um aumento pequeno do comércio exterior chinês, sobretudo, até a década de 1960, momento a partir do qual o país se encontrou praticamente isolado internacionalmente, fruto não apenas da estratégia de autossuficiência, mas, fundamentalmente, devido aos embargos comerciais em que o país estava submetido até a década de 1970.⁸⁶

Em termos populacionais, a China cresceu rapidamente ao longo do Período Maoísta. Enquanto entre 1820 e 1948, a população chinesa crescera 49%, apenas nos 26 anos que decorreram entre 1952 e 1978, o país passou de 569 milhões habitantes para 956 milhões, um aumento de 68%.⁸⁷ Este extraordinário aumento populacional levaria as autoridades chinesas, desde 1972, a

⁸² MADDISON, 2007, pp. 56 e 113.

⁸³ Idem, p. 70

⁸⁴ Idem, p. 44.

⁸⁵ Ibidem.

⁸⁶ Idem, pp. 84-89.

⁸⁷ Ibidem.

adotarem um conjunto de medidas com o objetivo de controlar a natalidade, sendo sancionada em 1978 a política de filho único – política que vem sendo flexibilizada nos últimos anos.⁸⁸

Este acentuado aumento populacional relaciona-se ao fim dos conflitos armados – em que pese o extraordinário número de óbitos relacionados ao Grande Salto Adiante – e as melhorias verificadas na saúde básica, que redundaram em uma sensível diminuição da taxa de mortalidade infantil, que caiu de 37 para 18,2 mortes a cada cem mil recém-nascidos, bem como no aumento da expectativa de vida de 38 para 64 anos.⁸⁹ Paralelamente, houve um aumento expressivo da escolaridade da população chinesa medido pelo aumento dos anos médios dedicados ao ensino entre pessoas com mais de 15 anos, aumentando de 1,7, em 1952, para 5,33, em 1978.⁹⁰

Além da extensão dos serviços básicos de saúde e educação e da reforma agrária no campo – sucedida pela coletivização –, assegurou-se no país o pleno emprego, generalizando-se condições mínimas de vida. Do ponto de vista da igualdade social, o Período Maoísta vivenciou uma das menores desigualdades de renda do mundo, apesar da substantiva manutenção da desigualdade entre campo e cidade.⁹¹ Os controles migratórios eram altamente estritos, mas não policiais, uma vez que eram realizados por meio do sistema de registro de domicílio denominado *hukou*, que assegurava ao cidadão chinês acesso aos serviços sociais básicos, incluindo emprego, moradia, saúde e educação, apenas em seu local de origem.⁹² Tal sistema se perpetuou após 1978, sofrendo importantes modificações, o que ajuda a explicar o movimento migratório em favor das cidades que vem ocorrendo desde então na China.⁹³

Acerca das principais dificuldades do Período Maoísta, além das próprias limitações relacionadas à implementação de uma nova ordem social que almejava superar as contradições de classe e as tradições hierárquicas, em um país cuja base econômica era extremamente débil e atrasada em face às potências capitalistas, destaca-se um aspecto em particular, qual seja, a estagnação da produtividade agrícola. Entre 1952-78, enquanto a produtividade do setor secundário (industrial e construção civil) se acelerou, crescendo a uma taxa anual média de 3,7% a.a., a produtividade agrícola manteve praticamente estagnada, crescendo a uma taxa anual média de 0,17% a.a.,⁹⁴ preservando-se, grosso modo, o nível da produção de alimentos *per capita* herdada do período anterior a 1949.⁹⁵ Apenas após o início das Reformas Econômicas levadas a cabo a partir

⁸⁸ Sobre a política de filho único na China, ver NAUGHTON (2007, pp. 161-178).

⁸⁹ MADDISON, 2007, p. 65.

⁹⁰ Ibidem.

⁹¹ Para uma discussão sobre a desigualdade no Período Maoísta, ver MORAIS (2011, pp. 48-53).

⁹² Importante registrar o envio de catorze milhões de jovens urbanos para os campos sob o pretexto de reeducá-los, algo que ocorreu, especialmente, no período da Revolução Cultural (FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, p. 371).

⁹³ MORAIS, 2011, p. 135.

⁹⁴ MADDISON, 2007, p. 70.

⁹⁵ MORAIS, pp. 44-49.

do final de 1978, que culminaram na descoletivização da terra e no retorno do regime de responsabilidade familiar, é que a produtividade agrícola se elevou substancialmente, crescendo a uma taxa anual média de 3,99% a.a. entre 1978 e 2003, elevando, assim, sensivelmente a produção de alimentos *per capita* no país, o que suscita questões importantes acerca das consequências da coletivização sobre a produtividade agrícola.

Morais (2011, pp. 45-48) observa que a ausência de estímulos materiais parece ter tido maior impacto sobre a atividade agrícola do que sobre a industrial. A autora aponta que uma das possíveis razões que explique este quadro é que, enquanto o camponês, sobretudo no caso de uma agricultura intensiva em trabalho como a chinesa, tem maior controle sobre o ritmo da produção, no processo fabril, é o ritmo das máquinas que condiciona a execução do trabalho. Em tese, os incentivos de ordem moral preconizados por Mao deveriam cumprir este papel de estimular a produção agrícola, uma vez que os estímulos de mercado, expressos na apropriação privada dos resultados da produção, eram entendidos como incompatíveis com o igualitarismo e o novo tipo de sociedade almejada.⁹⁶ Moraes (2011, p. 47), complementarmente, indica como outro possível fator explicativo para a estagnação da produtividade agrícola a perda de autonomia produtiva do camponês após o processo de coletivização, dada as metas quantitativas definidas pelos organismos de planejamento central, que definiam também as culturas a serem cultivadas, o que pode ter tido um impacto negativo para o aumento da produtividade agrícola.⁹⁷ De qualquer forma, a rigidez da oferta agrícola constituiu-se em um dos principais entraves para uma expansão ainda maior da economia chinesa no Período Maoísta, o que ajuda a explicar porque as Reformas Econômicas tenham se iniciado justamente pelo campo.

4) Considerações Finais

A Revolução Chinesa em 1949 não trouxe apenas a promessa de uma ordem social igualitária, capaz de enterrar as estruturas sociais tradicionais herdadas, mas, também, o compromisso com o progresso econômico e com a afirmação da soberania do país na ordem internacional que nasceu do após o fim da Segunda Guerra Mundial. Simplificadamente, podemos decompor as aspirações do novo regime que se instalou na China em 1949 em dois conjuntos de objetivos. De um lado, procurava-se a transformação das estruturas sociais, de forma a superar a sociabilidade tradicional legada pelo regime anterior e, assim, forjar uma sociabilidade igualitária, identificada com as aspirações do ideário comunista. De outro, almejava-se o desenvolvimento das forças produtivas e a capacitação militar, consubstanciada na industrialização pesada, na difusão das unidades fabris pelo

⁹⁶ Idem, p. 47.

⁹⁷ Ibidem.

interior do país e na modernização do aparato bélico. Desta forma, esperava-se nivelar os padrões de vida da população chinesa com aquele vivenciado nos países industriais desenvolvidos bem como preparar o país para eventuais investidas militares estrangeiras contra seu território, assegurando, assim, a manutenção do regime socialista.

Até 1957, o novo regime se consolidou na China, que conseguiu arrancar industrialmente, contando neste período com o apoio decisivo da União Soviética. Após 1958, quando o país lançou mão do Grande Salto Adiante, a China adentrou em uma fase de instabilidade política, tanto no plano doméstico como internacional. Ao menos desde os resultados desastrosos do Grande Salto Adiante e das políticas de recuperação adotadas em seguida, se cristalizou no PCC, antagonismos políticos que se perpetuariam pelos anos seguintes. Deng Xiaoping e Liu Shaoqi lideraram a frente que preconizava a adoção de mecanismos de mercado como forma de acelerar o progresso econômico, ainda que isto ensejasse relações de produção mercantis. De outra parte, Mao, apoiado por Lin Biao e os membros que comporiam a Gangue dos Quatro, opunham-se a tais medidas, por antever nelas um retrocesso do ponto de vista das relações produção, ao recompor a submissão da força de trabalho no processo produtivo e resultar na diferenciação social, restaurando, portanto, as bases da ordem capitalista a qual se pretendia justamente superar. Como visto, a eclosão da Revolução Cultural é uma consequência desta cisão.⁹⁸

No plano externo, o apoio da União Soviética até fins da década de 1950, o período de isolamento na década de 1960, e a aproximação com os Estados Unidos a partir do começo da década de 1970, amarraram a trama da evolução política e econômica da China de forma inequívoca. A própria preocupação militar, constantemente presente nas tomadas de decisões das autoridades chinesas, relaciona-se a posição da China no cenário internacional, definindo, em grande parte, a natureza das ações do governo comunista no país.

Após a fase mais aguda da Revolução Cultural, notadamente, após a morte de Lin Biao, em 1971, e a posterior reabilitação de Deng Xiaoping, em 1973, os antagonismos presentes entre as lideranças do PCC na década de 1960 foram repostos. Deng, ao lado de Zhou Enlai, voltará a defender a necessidade de priorizar o desenvolvimento material do país, o que justificaria a instrumentalização da economia por mecanismos de mercado e sua integração a economia mundial. De outra parte, a Gangue dos Quatro será a voz ativa em favor de um caminho que preconizava a subordinação do desenvolvimento material às relações de produção horizontais, consubstanciadas nas comunas, o que pressupunha o enfrentamento da recomposição da luta de classes no país,

⁹⁸ NAVES (2005).

enquanto, externamente, tratava-se de recusar a aproximação com os potentados capitalistas, pois estes representavam risco à autonomia do país.

Em 1976, a morte de Mao, levou Hua Guofeng ao centro do poder na China, sendo ele o responsável direto pela prisão da Gangue dos Quatro, o que alteraria sensivelmente o quadro político do país. Acenando a favor da continuidade das diretrizes definidas por Mao, expressa pela política dos “Dois Quaisquer”, Hua não contará com o apoio necessário para firmar-se como uma liderança duradoura na China. Deng, que retornara à cúpula do PCC em 1977, se oporá a estratégia de Hua, defendendo uma inflexão no curso do país. Em dezembro de 1978, contando com o apoio de importantes segmentos das forças armadas e do PCC, Deng se consolidará como a principal liderança da China, sobrepujando, em contrapartida, o progressivamente isolado Hua, que se tornaria uma figura cada vez mais secundária no PCC. A partir de então, aproveitando-se do reconhecimento diplomático ocidental que lhe era favorável, o projeto político para a China encabeçado por Deng passa a conduzir as ações do PCC.⁹⁹

O triunfo deste projeto deixará de lado as iniciativas de transformação das relações de produção associadas à aproximação entre o trabalho intelectual e manual, gerência e execução, campo e cidade, enfim, as marcas do igualitarismo apregoado no Período Maoísta, e que haviam tido repercussões substantivas sobre a educação e a organização produtiva, cuja expressão principal foi a comuna. Nas décadas seguintes, o igualitarismo e a luta de classes travada no seio da sociedade chinesa contra os elementos reacionários dariam lugar à busca prioritária do desenvolvimento das forças produtivas. Este deveria se apoiar na reforma da economia em favor de mecanismos de mercado, em substituição a economia centralmente planejada – sendo, preservada, contudo, uma elevada participação do Estado na economia –, na abertura ao exterior e na estabilidade política proporcionada pela autoridade do PCC, configurando aquilo que Deng denominou de “Socialismo com Características Chinesas”.¹⁰⁰ Não mais importaria a cor do gato (relações de produção), contanto que pegasse os ratos (desenvolvesse as forças produtivas).

Referências Bibliográficas:

BÈRGERE, Marie-Claire. *A Economia da China Popular*. Trad. Waltensir Dutra, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980.

BETTELHEIM, Charles. *A China Depois de Mao*. Lisboa, Edições 70, 1978.

⁹⁹ Para um balanço das transformações da China durante após o início das Reformas Econômicas, em 1978, ver, por exemplo, LEÃO (2010) e MEDEIROS (1999).

¹⁰⁰ O projeto reformista conduzido por Deng, tanto pelos fins quanto pelos meios adotados, será identificado por diversos autores como a restauração do capitalismo no país. Ver, por exemplo, BETTELHEIM (1978) e NAVES (2005).

CARVALHO, Miguel Henriques de. *A Economia Política do Sistema Financeiro Chinês (1978-2008)*. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CHANG, Jung; HALLIDAY, Jon. *Mao: a história desconhecida*. Trad. Pedro Maia Soares, 2 Ed, São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

DENG X. *Selected works (Vol. I, 1938-1965)*. Beijing: People's Press, 1993.

FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Merle. *China: uma nova história*. Trad. Marisa Motta, Porto Alegre, LP&M, 2006.

KISSINGER, Henry. *Sobre a China*. Trad. Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2012.

LEÃO, Rodrigo Pimentel Ferreira. (2010), *O Padrão de Acumulação e o Desenvolvimento Econômico da China nas Últimas Três Décadas: Uma Interpretação*. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico, Universidade Estadual de Campinas.

MADDISON, Angus. *Chinese Economic Performance in the Long Run: 960-2030 AD*. Paris: OECD, 2007.

MARTI, Michael E. *A China de Deng Xiaoping*. Trad. Antonio Sepúlveda, Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

MEDEIROS, Carlos Aguiar. “China: entre os séculos XX e XXI”. In: FIORI, José. Luís. (org.) *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*. Petrópolis, Editora Vozes, 1999.

MORAIS, Isabela Nogueira de. 2011. *Desenvolvimento Econômico, Distribuição de Renda e Pobreza na China Contemporânea*. Tese – Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

NABUCO, Paula. “Do Grande Salto à ‘Desmaoização’: 20 anos de história chinesa”. In: *XIV Encontro Nacional de Economia Política*, 2009, São Paulo. Anais XIV Encontro Nacional de Economia Política, 2009.

NAUGHTON, Barry. *The Chinese Economy: transitions and growth*. Cambridge, MA: MIT Press, 2007.

NAVES, Márcio. *Mao – o processo da revolução*. São Paulo, Brasiliense, 2005.

SHAMBAUG, David. “Deng Xiaoping: The Politician”. *The China Quarterly*, nº 135, Special Issue: Deng Xiaoping: An Assessment, Sep., 1993, pp. 457-290.

SPENCE, Jonathan. *The Search for Modern China*. Nova Iorque, W. W. Norton and Company, 1990.